

PATRICIA ZAVELLA

Comentários sobre teorias feministas na/s América/s Latina/s: a política transnacional da tradução

Resumo: Comentários sobre os artigos de Francine Masiello, Norma Klahn, Simone Schmitt e Kia Caldwell publicados neste número da Revista Estudos Feministas.

Palavras-chave: feminismo global, tradução transnacional, gênero, imaginário cultural, racismo.

Vou arriscar uma tradução truncada, citando um ícone do baseball — ciente da tradição machista, heterossexista e racista do esporte — ao ressaltar que a maioria desses ensaios me causaram uma sensação desconfortável de *déjà vu*. Isso porque cada vez mais culturas e conhecimentos locais caem nas garras do fluxo global do capital e dos bens de consumo, percorrendo rumos cada vez mais distantes de seus lugares de origem e gerando debates, epifanias e mal-entendidos que vão além do imaginário do sujeito teorizador. As feministas e seus detratores são cúmplices, apesar de ser essencial interrogarmos: quem teoriza? Como a produção do conhecimento cai nas armadilhas do mercado? Quem traduz esse conhecimento e com que propósito? Diante dos discursos totalizadores propulsionados pela globalização — incluindo o “feminismo global” — e em vista da repressão e da violência severas contra as mulheres que exercem uma política local para mulheres, mesmo quando elas recusam a identidade de feministas, a política transnacional torna-se crucial. Os artigos

aqui reunidos mapeiam as viagens das idéias através de diferentes localidades e falam da necessidade de negociação e intercâmbios sociais que por sua vez demandam traduções do pensamento feminista do sul ao norte, do leste ao oeste e vice-versa. Isso gera a necessidade de historicizar e situar significados. No processo, essas acadêmicas desafiam vários Ideais utópicos — ou seja, noções essencialistas de mulher, feminismo e mudança social — e apresentam significados específicos e complexos e práticas historicamente situadas.

Francine Masiello, em seu artigo "Conhecimento suplementar: *queering* o eixo norte/sul", expõe o processo de teorização, tradução e formação de demandas políticas, mostrando, a partir de estratégias de *queering* como a teoria é representada no 'suplemento' feminista da imprensa popular *LAS/12*. Através de um discurso complexo e *genderado* do tipo "demonstração de orgulho na imprensa", o *LAS/12* vira as estruturas normativas pelo avesso e reconstrói a teoria através de questionamentos argutos e revisões do que seja a femininidade. No processo, as feministas do sul tornam visíveis o aprisionamento consumista do desejo e o conformismo sancionado pelo Estado. Mais interessante ainda, Masiello mostra que as relações centradas nas mulheres e o desejo lésbico estão sempre presentes nas páginas de *LAS/12*, como uma espécie de irmã esperada nos dramas cotidianos dos perfis de celebridades e nas performance de gênero. A autora argumenta que *queering*, portanto, vai além da reestruturação do conhecimento; é uma estratégia que carnavaaliza gênero, questionando a ordem social local e simultaneamente desnaturalizando fluxos normativos de significados na direção norte/sul. Sem o estranhamento e a sexualização geralmente associados ao carnaval, como o projeto de *LAS/12* poderia chegar até o norte? Ou seja, em *LAS/12* estamos testemunhando a tradução e a teorização às avessas, na medida em que o suplemento oferece inspiração às ativistas culturais e teóricas feministas do norte.

Em "Travesias/travesuras: des/vinculando imaginários culturais", Norma Klahn aponta paralelos entre o imaginário cultural das chicanas e mexicanas, sem contudo recorrer a noções essencialistas de *mexicanidade*. Klahn observa que cada grupo de escritoras — com origem em condições históricas específicas de opressão e contestação e possuindo diferente genealogias teórico-políticas — traz contribuições teóricas fundamentais ao narrar suas experiências autobiográficas, mesmo que de formas diferenciadas. Entre as inúmeras escritoras chicanas feministas, ela enfoca Cherríe

Moraga, Sandra Cisneros e especificamente Gloria Anzaldúa, presumivelmente porque elas re-significam mitos e ícones mexicanos poderosos como "la Llorona", "la Malinche" e muitos outros. Klahn argumenta que as reconstruções funcionam como modelos de resistência, fontes de empoderamento através do re-membramento — ou seja, re-união e unificação — da fragmentada cultura mexicana. Anzaldúa dá um passo além ao 'feminizar' e 'lesbinizar' Aztlan, criando um espaço para culturas e línguas múltiplas como parte de uma nova identidade mestiça, um espaço de contestação, contra-hegemônico, aberto a transformações e que celebra a diferença. Como essas intervenções críticas feitas por chicanas têm atravessado os obstáculos de classe, etnia e, acrescentaria, de lugar ao longo do caminho? Parece haver uma tensão entre esses imaginários limítrofes e as maneiras encontradas pelas feministas chicanas para situar-se materialmente: explicitamente como classe trabalhadora no lado americano da fronteira e, para Moraga, como uma raça híbrida que recupera sua língua materna. Como alguém que tem testemunhado e participado de vários encontros entre mexicanas e chicanas sempre percebido haver tensão e conflito. (Fiquei impressionada com seu exemplo do 'el pachucho', onde Paz rejeita essa figura mexicana-americana.) Isso levanta uma questão um tanto quão rude e irônica: será o *espacio fronterizo* o local mais importante para que um diálogo real entre chicanas e mexicanas aconteça?

Simone Pereira Schmidt, em "O feminismo nas páginas dos jornais: revisitando o Brasil dos anos 70 aos 90", nos perturba mostrando que Paglia e suas seguidoras mais uma vez se tornaram "brinquedinhos de pilha" no tráfico global do 'pós-feminismo'. Uma verdadeira amnésia global que, de qualquer forma, coloca no mercado, além de inúmeros produtos, *talk-shows* de mulheres de várias cores e línguas. A tradução inadequada apaga políticas feministas reais e constitui uma derrota nas guerras culturais. Ao mapear a história absurda de tais movimentos totalizadores, Schmidt oferece uma visão alternativa: uma cultura popular na qual as políticas e conquistas das mulheres sejam levadas a sério, na qual debates importantes aconteçam, teóricas não sejam abominadas, e traduções reais aconteçam.

No artigo "Fronteiras da diferença, raça e mulher no Brasil", Kia Caldwell problematiza a ausência da raça na teorização feminista no Brasil, emblemática dos grandes silêncios sobre a questão da raça na sociedade e na cultura brasileiras. Traçando uma excelente visão global do conflito

entre afro-brasileiras e feministas brancas, ela documenta como o discurso de raça toma uma forma familiar na voz das feministas brancas. Se for sequer levado em consideração, o racismo é individualizado, pensado com angústia e projetado nas mulheres negras, frequentemente deixando intactos e sem análise os sistemas de desigualdade interligados, nos quais as mulheres negras são vitimizadas de formas culturalmente específicas, e as mulheres brancas vivenciam um privilégio que passa despercebido. Ao invés de ficar atolada nessa problemática aparentemente interminável, as feministas afro-brasileiras recorrem a teorizações feitas por mulheres negras americanas, e especificamente feministas negras, para iluminar essas dinâmicas e oferecer inspiração para o confronto com as chamadas irmãs. Enquanto traduções literais do pensamento feminista negro forem necessárias, o trabalho de Caldwell dá a seus significados uma coloração brasileira, e só podemos esperar que façam mais sucesso no Brasil do que nos Estados Unidos. Seu artigo coloca as seguintes questões: como desafios a formas regionais ou culturalmente específicas de privilégio branco e preconceito contra mulheres de cor contrapõem o fenômeno global do racismo nas Américas? Onde estão os fóruns onde feministas de todas as regiões possam se engajar em mais traduções e criar alianças com mulheres de outras raças, inclusive as brancas?

Evidentemente, estas colocações representam um desses fóruns, e agradeço a todas por textos tão fascinantes.

[Recebido para publicação em outubro de 2000]

TRADUÇÃO
Ana Cecília Acioli Lima
REVISÃO TÉCNICA
Cláudia de Lima Costa

Comments on the Feminist Theories in the Latin/a Americas and the Transnational Politics of Translation

Abstract: Comments by the author on the articles by Francine Masiello, Norma Kahn, Simone Schmidt and Kila Caldwell published in this issue of Revista Estudos Feministas.

Keywords: global feminism, transnational translation, gender, cultural imaginary, racism.